

VIDA DE ENSINO (ISSN 2175 – 6325)

**O PROFESSOR E A DIVERSIDADE CULTURAL NO PROEJA.**

Kélia Silva Guimarães Cabral<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta o papel do professor do Proeja em relação à diversidade cultural e a concepções do que é o bom professor e o bom aluno.

**Palavras-chave:** Proeja, professor, alunos, diversidade.

**THE TEACHER AND THE CULTURAL DIVERSITY IN PROEJA.**

**Abstract:** This article presents the role of the PROEJA teacher towards cultural diversity and conceptions about what is a good teacher and a good student.

**Keywords:** Proeja, teacher, students, diversity.

## INTRODUÇÃO

O bom professor é aquele que consegue construir conhecimentos, teorias e práticas juntamente com seus alunos de modo que eles os compreendam e possam utilizá-los nas suas atividades diárias, em sua profissão e na vida. Ele é comprometido criativo, envolvente, percebe em sua atuação as peculiaridades que cada ser traz consigo, fazendo com que ele quebre resistências, empecilhos prováveis surgidos na jornada da vida.

O profissional, após concluir sua formação acadêmica em determinada área ou disciplina, procura, na essência de sua profissão, alcançar o aluno, conquistá-lo, estimulá-lo a ser um discente competente, que busca reconhecimento e aplicação de teorias. Não pode transformar sua profissão em “dar aulas”, sem evoluir até a conclusão de sua carreira”. Neste percurso, vão ficando o carinho a amizade, o perfume por onde passa sua cultura, sua didática, seu modo de ser, e ver a vida, seu retrato.

Do sonho almejado, da realização profissional, da deficiência de uma formação específica que envolva toda circunstância da educação, o professor chega no Proeja, sentindo a necessidade de aperfeiçoar-se nesta parte da educação de jovens e adultos, de buscar informações urgentes, uma vez que é necessária uma adequação de conhecimentos, uma formação continuada específica, perante a diversidade de mundos que encontra. É urgente que este professor seja sensível, reflexivo e que seja capaz de mudar sua pedagogia diante da diversidade.

Do outro lado, está o aluno, “bom aluno”, computando calado, obediente, esperando receber tudo pronto, pensando apenas no certificado. Ele se cala por quê? Por medo, timidez, opressão, retração, baixa auto-estima? Pelo pouco conhecimento básico que possui? Há o bonzinho, mas que não contribui na criação e participação das atividades, propostas, simplesmente concordam. Ali está o carente, o rebelde, o feliz, o assustado, o apático, o que demonstra enorme dificuldade de linguagem, o discriminado socialmente, porque é

imigrante, negro, obeso, religioso, etc. O aluno esperado é o participativo, criativo, alegre, capaz de compreender conceitos e aplicá-los, colocar em prática as teorias, métodos e técnicas úteis na sua vida profissional, capaz de mudar a realidade em que se encontra.

Nesta caminhada de ensinar e aprender há desencontros, desníveis, desigualdades. Há uma personalidade desabrochando culturalmente, cada um com suas vivências, seus hábitos, suas vidas. Iguais? Jamais. Parecidos? Nem sempre. Ideologias, teorias são cristalizadas ano a ano, criaturas diversas se encontram, se enquadram em quatro paredes, cada um com sua identidade, seu ‘eu’ estabelecido. Local e laboratório prontos às diferenças, aos conflitos. O professor é o gerenciador desses conflitos, o agente mais próximo para que a diversidade seja acalmada, menos conflituosa, tolerável, é ele o medidor das circunstâncias jamais imaginadas, o maestro da orquestra de diferentes instrumentos, todos, porém, em busca do mesmo ideal, conhecimentos, profissão, superação de dificuldades, sucesso, busca de identidade, reconhecimento como pessoa. Critérios enormes e preciosos por parte do professor devem ser encontrados para que seja estabelecida uma relação de proveito, respeito e harmonia, para que sonhos não sejam ceifados e esperanças alcançadas.

Em busca da emancipação humana e reforço aos movimentos populares surgidos em vários momentos históricos em nosso país, de Heloísa Fernandes (TEIXEIRA, 2007) diz que precisamos de Escolas que respeitem a luta, a identidade, os valores, a mística de cada ser ali encontrado, de práticas educativas que dominem o trabalho coletivo, a cooperação e a solidariedade, que incentivem os alunos a tomar suas próprias decisões e a serem responsáveis por elas.

Para que o conhecimento chegue à consciência, muitas vezes é preciso antes saber falar ao coração. Estes alunos precisam de base e apoio hoje, no presente, para sua sobrevivência. O futuro se distancia, eles querem o imediato, adquirir um trabalho que lhe tire do informal, do anonimato, que lhe

traga dignidade. Discursos vazios e cheios de promessas já não os satisfazem. Apesar das dificuldades, eles estão conscientes da realidade e poucos acreditam em campanhas eleitorais fartas de falsas promessas e em projetos políticos – pedagógicos norteados por idéias não-praticadas.

Num bate-papo realizado com alunos e ex-alunos do Proeja, eles relataram:

- “No início do curso houve dificuldades para professores e alunos, em relação ao curso”.
- “Havia bons professores, bem preparados para lidar conosco, mas também havia uns “doutores” muito sábios”.
- “Os doutores deixam de dar aulas aos “inteligentes” e veio dar aulas para nós”.

O que se observa é que já se havia estabelecido, desde a apresentação dos mesmos, certa distância e até rejeição pela grande dificuldade de relação professor – aluno. O professor em seu “ápice” profissional, também contribui para o desencanto, jogando apenas conteúdos.

- “Tivemos também outros professores, uns doutores, outros não, que aproximavam da gente, ajudava a resolver os problemas da sala e fazia com que a gente gostasse”.

Eles relataram, com entusiasmo, as oportunidades surgidas e abraçadas, mostrando que houve crescimento entre eles. Um, com menos dificuldade, se dispôs a auxiliar os demais através de uma monitoria. Ele mesmo percebeu que a turma estava dispersa e com dificuldades de relacionamentos, decidiu então trabalhar relacionamentos. Começaram a marcar reuniões em suas casas, assim reuniam toda família naquele encontro e o resultado foi positivo, houve socialização e até lazer nestes retiros. Esta é uma situação real de proximidade do professor, interesse pelos conflitos e dificuldades surgidas na sala de aula. O professor que proporcionou esta possibilidade realmente cumpriu seu papel, longe do pedestal dos títulos que possui, ele

amou, acolheu e proporcionou liberdade à turma, de onde surgiu uma liderança que modificou os ânimos dos estudantes.

Não reprimir, acolher, ouvir, proporcionar situações de reflexão para possíveis mudanças, deixá-los arriscar, permitir o erro até acertar, e, ao final, sentir que o milagre aconteceu que surgiu uma capacidade enorme, uma força gigantesca, uma coragem antes inexistente, em que os alunos cresceram e foram claros ao expor suas idéias numa discussão em grupo, num seminário, até mesmo numa feira de negócios por eles organizada. O professor que alcança essa complexidade é um profissional do bem.

## CULTURA E ESCOLA

Em nosso país, há enraizada uma cultura de Brasil – Colônia, em que a maioria do povo se julga incapaz, frágil, dependente e submisso, espera a atuação e comando do outro, do que vem “de fora”. Este relato é visto na leitura de Orlandi (1990) que traz o discurso demais valorizado exteriormente, que dá sentidos fora do contexto e são colocados com primícias aos homens daqui, mantendo-os prisioneiros do sentido do outro.

É claro que, com essa ideologia, dificilmente se alcançarão grandes lugares, as expectativas e conquistas são sempre rejeitadas e carregadas de culpa. Assim, esse discurso precisa ser mudado, para que, na educação, isso aconteça de forma diferente, pois no campo do conhecimento não há dono, a linguagem é transformadora, promove uma interação entre homem e realidade natural e social podendo, com excelência, sobrepor as dificuldades existentes nas mais longínquas consciências humanas. O professor com sua linguagem e discurso organizados é um poderoso meio de comunicação, pois facilita a informação e dá significado a cada gesto, cada manifestação de busca e procura dos alunos, em seus anseios, culturas, valorizando cada ser presente na sala de aula.

Frente à diversidade cultural num sistema de ensino, acontecimentos de todas as espécies podem desempenhar papel modificador no próprio sistema, garantindo direitos e aumentando as oportunidades aos

sujeitos que ali estão (Juventudes: outros olhares sobre a diversidade, MEC 2009).

Não há verdade exata, os fatos podem intervir de forma nova nos sistemas sociais: mudanças, superações, forças promotoras de reações positivas são percebidas em situações geradas em momentos de encontros com interações, ordem, liberdade, responsabilidade, cooperação, deveres e intenções estabelecidas na Escola, na EJA e no Proeja. O diverso é explicado como o resultado da desigualdade de estágios existentes no processo de evolução, não há como fugir dessa dinâmica social. Cada cultura segue os próprios caminhos em fundação dos diferentes eventos históricos que enfrentam.

Percebe-se um equilíbrio de contrários que se excluem, pois nascemos com certos poderes e adquirimos outros, conserva-se o antigo, apesar da aquisição do novo. O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. O que fica é o que foi filtrado do grande, bloco de informações em que ele é submetido. A comunicação é um processo cultural e “Culturas são sistemas de padrões de comportamento socialmente transmitidos que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos” (LARAIA, 1986, p. 60).

Assim, separados em pequenos grupos, cada um com a sua própria linguagem, sua própria visão de mundo, vai vivendo com seus costumes e expectativas, considerando seu modo de vida o mais correto e natural. Reagindo depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da sua comunidade, família ou grupo social a que pertencem, esses pequenos grupos procuram ser auto-suficientes, fortes e potentes diante de outros grupos. Na sala de aula, observa-se claramente estes acontecimentos, evidenciados pelo preconceito, à idade, ao gênero, ao sexo, à classe social, à religião, aos modismos, às preferências de ambiente, etc. Viver é conviver, é compreender o outro na sua diferença, é colocar-se no lugar do humilhado, do criticado, do menor ou desconsiderado; é buscar motivação para

manter viva a chama e a crença de cada pessoa, valorizando o ser em sua totalidade. É saber como agir em determinadas situações conflituosas e também como prever o comportamento dos outros (grupo, turma ou pessoa). Esta percepção e sabedoria devem ser trabalhadas e dinamizadas em toda sociedade para permitir a convivência harmoniosa dos povos. A cultura é dinâmica e compreendê-la é um passo importante para evitar o choque de opiniões e até mesmo, de gerações, proporcionando certa coerência entre o que se pensa e a enorme dimensão de outros pensadores ao redor.

Como salienta Bakhtin (1995, p. 36), “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social, é o fenômeno ideológico por excelência”. É através desta comunicação que são percebidas as diversas idéias grupais ou individuais, numa determinada sala de aula, quais valores emergem e quais não são de interesse coletivo.

O diálogo, “conversa”, deve existir plenamente na relação professor – aluno, pois aí se comunicam impressões, afetos, despertam na alma do ouvinte e falante imagens vividas, emoções enterradas e ativa o pensamento, a memória, a inteligência e aguça a imaginação. “Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, nas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc” (BAKHTIN, 1995, p. 95). A palavra é reveladora, é sempre carregada de um sentido ideológico ou vivencial, e é neste falar do professor que se fixa o conhecimento, devendo ele, portanto, conhecer a amplitude das palavras ditas.

Ao professor comunicador cabe a missão de interromper a cristalização de informações ao aluno de Proeja e vê-lo navegar no mundo do conhecimento e realizar ali na escola o seu desejo de vida, de possuir direitos e poder usufruí-los como todos, com respeito dignidade e reconhecimento.

Em pesquisa realizada por amostragem, os professores do Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde, atuantes em Proeja, responderam às seguintes questões:

1. Como avalia a experiência de trabalhar no Proeja?
2. Quais suas impressões a respeito do aluno?
3. Há diferença no trabalho do Proeja em relação às outras modalidades de ensino?

Aqui vão alguns exemplos do que responderam:

### Questão 1

Professor A:

“É uma experiência interessante”.

Professor B:

“Inicialmente, foi um “susto” trabalhar com o Proeja, pois, por ter formação não didática (tenho formação técnica) e não me julgava preparada para conduzir as aulas em metodologia que atingisse melhor o público alvo. No entanto, com o decorrer do tempo percebi que as dificuldades não eram tão grandes assim e que com um linguagem mais prática é possível atingir os objetivos propostos”.

Professor C:

“A Experiência acrescentou-me muitos conhecimentos e oportunidades acadêmicas e profissionais”.

### Questão 2

Professor A:

“É um programa que pode provocar boas modificações nas pessoas que participam do programa. Se professor e aluno desempenharem suas funções com responsabilidade, ou seja, se houver a dedicação de ambos, o programa funcionará. Isso pode representar um novo emprego, um novo horizonte, novas perspectivas ao ex-aluno. Caso não haja a dedicação necessária, por parte de um ou outro, esse novo horizonte tem grandes chances de não ser real. Mas, mesmo assim, acredito que todo o trabalho não foi perdido. Durante esse tempo de convivência (aluno/professor, aluno/aluno), o aluno passou por várias experiências: conflitos, sorrisos, aprendizagens. Tudo isso é importante para as pessoas. Tudo isso sem pagar mensalidades! Portanto, tenho ótimas impressões a respeito do Proeja”.

Professor B:

“Com a pouca experiência que tenho a respeito dos alunos do Proeja, pude perceber que embora a aprendizagem não seja o maior problema, muitos apresentam dificuldades em expressar seus conhecimentos por deficiências na educação básica. Vários possuem claros objetivos que pretendem atingir, e se empenham para isso. Porém, para alguns a motivação pelo estudo nem sempre é o conhecimento e sim a possibilidade de diploma, o que em partes dificulta o processo educativo, pois esta parcela de alunos visa apenas a “nota” e julgam dispensável todo e qualquer esforço para aprendizagem”.

Professor C:

“São pessoas que têm vivência, porém, muita dificuldade para a aprendizagem cognitiva e emocional”.

### Questão 3

Professor A:

“No passado, eles não aprenderam o hábito de ler, escrever, raciocinar em termos de equações, etc. Acredito não ser possível uma passagem brusca de cultura. Aprender a gostar de ler é gradual, se começa antes do saber ler, com João e o pé de feijão, a branca de neve, os três porquinhos, ... de repente a criança se interessa pelos gibis da turma da Mônica, um passo adiante e está lendo Garfield, depois de um tempo, Machado, Vinícius, Drummond, C. Heitor Cony, Stephen Hawking, etc. Então, no decorrer desse processo (longo), o aluno aprende a escrever, raciocinar, criticar e propor. Ora, sejamos realistas, não esperamos tudo isso de um aluno de Proeja. O que espero é um ganho, por pequeno que seja, um ganho positivo. Este pode passar por gerações, como o efeito borboleta”.

Professor B:

“Em função das deficiências anteriores as aulas devem ser conduzidas em ritmo diferenciado, o que em partes me preocupa, principalmente quando na ministração das disciplinas de cunho técnico (ou seja, aqueles conhecimentos que mais serão utilizados no ambiente de trabalho) e que necessitam de

muitos conhecimentos das áreas básicas como matemática, português ou biologia. Acho a iniciativa excelente, porém, se queremos lançar à sociedade profissional realmente capacitada (até mesmo para que os mesmos não se frustrem ao sair da instituição) temos que dar maior atenção ao desenvolvimento do raciocínio lógico. “Se levarmos em consideração as competências que estes alunos devem ter ao sair, talvez devamos sentar e juntos discutir quais os conhecimentos básicos serão necessários e mais significativos para a formação de um determinado profissional”.

Professor C:

“Deveria. Mas muitos profissionais ainda se recusam a enxergar que o trabalho com os alunos da EJA/Proeja tem de ser diferenciado”.

Assim, o professor do Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde possui ou pretende adquirir experiência nesta área de ensino, demonstrou competência, clareza em relação às condições, limitações e avanços dos alunos da Instituição e percebe-se que há interesse nesta modalidade de educação e que estão aptos a juntos construir uma realidade satisfatória. Todos acreditam no sucesso deste programa e querem oportunizar seu crescimento.

Da diferença entre Proeja e outras modalidades de ensino, eles são concisos, percebem que o aluno é diferenciado, que é necessário juntamente com os demais professores refletirem a respeito de suas práticas de ensino e elaborar propostas para a integração acontecer realmente. Ainda é preciso sensibilizar alguns profissionais, pois nem todos abraçam de forma absoluta essa modalidade de educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que fica bem claro é o compromisso do professor na formação e significado do aluno. Acredita-se que há bons professores, percebe-se na sua dinâmica profissional quem comove, instrui, faz o aluno viajar numa distância jamais sonhada por ele, pois em sua

“pequenez” ele até duvida de suas possibilidades e capacidades. Há professores, especialistas, mestres ou doutores que fazem a diferença que veem no outro parte de um ser bem próximo. Há professores que passam por uma sala e os alunos nem veem o tempo acabando. Professores que entusiasmam, motivam, marcam sua presença, não com arrogância, autoritarismo, exibicionismo, distanciamento. É este professor, alto-astral, otimista, humano, conhecedor, que o Proeja precisa encontrar, um sonhador que faz sonhar, um conhecedor que promove conhecimentos, alguém bem próximo para dar a mão a quem pede um pouco de atenção. O professor bem estruturado, consciente, reflexivo, estudioso é o que vai dar consistência a um programa governamental como este. Um profissional assim é de extrema importância na elaboração do currículo, na sua prática diária, na avaliação, no auxílio à dignidade e cidadania destes jovens e adultos. É com sua firmeza, clareza, que proporcionará também aos alunos uma convicção positiva de gente, de mundo, de escola. Um professor com visão de futuro, com propósito profissional e amor no coração vai além dos limites, ultrapassa dificuldades, barreiras no seu percurso e vence, levando com ele uma imensidão de pessoas: alunos. E isto basta.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7 ed. São Paulo: HUCITEC, 1995.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HADDAD, S. A participação da sociedade civil brasileira na educação de jovens e adultos na CONFINTEA VI. **Revista Brasileira de Educação**. nº 41, São Paulo: ANPED, maio/agosto, 2009.

LARAIA, R. de B. **Cultura, um conceito antropológico**. 7 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

MEC. Coleção Educação Para Todos. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**: Brasília, 2009.

MORKING , E. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória-Ed. Revista e modificada pelo autor, 11 ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA, F.R. de Q. **Face ao professor**. Rio Verde: FESURV, 2003.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **Terra à vista** - discurso do confronto velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, 1990

SOARES, L. **Aprendendo com a diferença** – estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos. 2 ed. Belo Horizonte: autêntica 2006.